

PRÓLOGO



Este casamento vai ser um problema.

Ela vai ser um problema.

Esta nossa guerra, a que se formou entre vampiros e lobisomens, começou há vários séculos com atos brutais de violência, correntes de sangue de diversas cores, e terminou com um bolo amanteigado no dia em que conheci o meu marido.

Acontece que esse foi também o dia do nosso casamento.

Não é exatamente como nos sonhos de infância. Mas eu também não sou nenhuma sonhadora. Considerei casar-me apenas uma vez, durante os dias sombrios da minha infância. Depois de alguns castigos demasiado severos e de uma tentativa de assassinato mal executada, eu e a Serena orquestrámos planos para uma fuga em grande, que iria envolver distrações pirotécnicas, roubar o carro do nosso professor de matemática e fazer gestos obscenos aos nossos auxiliares pelo espelho retrovisor.

— Passamos no abrigo de animais e adotamos um daqueles cães fel-pudos. Agarramos num *Shurpee* para mim, num bocado de sangue para ti. Desaparecemos para sempre em direção ao território dos humanos.

— Vão deixar-me entrar se eu não for humana? — perguntei, mesmo que esse fosse o menor dos nossos problemas naquele plano. Tínhamos onze anos. Nenhuma de nós sabia conduzir. A paz entre espécies no sudoeste dependia, literalmente, de eu ficar quieta onde estava.

— Eu dou a minha palavra por ti.

— Será o suficiente?

— Caso contigo! Eles vão acreditar que és humana, a minha esposa humana.

No que diz respeito a propostas, aquela parecia sólida. Por isso, assenti solenemente e disse:

— Aceito.

No entanto, isso aconteceu há catorze anos, e a Serena nunca se casou comigo. Na verdade, ela já foi embora há muito tempo. Estou aqui sozinha, com uma grande pilha de lembranças de casamento caras que devia levar os convidados a ignorar a falta de amor, a incompatibilidade genética ou mesmo o conhecimento prévio entre mim e o noivo.

Tentei marcar um encontro. Sugerir ao *meu* povo que sugerisse ao povo *dele* um almoço na semana anterior à cerimónia. Café no dia anterior. Um copo de água da torneira na manhã do dia do casamento — qualquer coisa para evitar um «Como é que vais andando?» à frente do oficiante. A minha solicitação foi encaminhada ao conselho dos vampiros e resultou numa ligação telefónica de um dos assistentes dos membros. O seu tom de voz conseguiu ser educado enquanto insinuava fortemente que eu era maluca.

— Ele é um lobisomem. Um lobisomem muito poderoso e perigoso. Só a logística de tratar da segurança para tal encontro seria...

— Eu vou casar com esse lobisomem *perigoso* — salientei, com calma, e ouvi uma garganta a ser aclarada com timidez.

— Ele é o alfa, menina Lark. Está demasiado ocupado para se encontrar consigo.

— Ocupado com...?

— Com a sua alcateia, menina Lark.

Imaginei-o no ginásio da sua casa, a trabalhar incansavelmente os abdominais, e encolhi os ombros.

Passaram-se dez dias e ainda não conheci o meu noivo. Em vez disso, tornei-me num *projeto* — um que requer o esforço conjunto de uma equipa interdisciplinar para parecer apresentável para o casamento. Uma manicura faz-me as unhas em formato oval e pinta-mas de cor-de-rosa. Uma esteticista dá-me palmadinhas nas bochechas com entusiasmo. Um cabeleireiro esconde magicamente as minhas orelhas pontiagudas sob uma teia de tranças loiras escuras, e um especialista em maquilhagem pinta um rosto diferente por cima do meu, algo interessante, sofisticado e zigomático.

— Isto é arte — digo-lhe, estudando o contorno no espelho. — Devias ser bolseiro na Guggenheim.

— Eu sei. E ainda não *terminei* — repreende, antes de mergulhar o polegar num pote de tinta verde-escura e de o passar nas partes internas dos meus pulsos. Na base do meu pescoço de ambos os lados. Na minha nuca.

— O que é isso?

— Apenas um pouco de cor.

— Para quê?

Ouve-se um resmungo.

— Pedi uns favores e investiguei os costumes dos lobisomens. O teu marido vai gostar disso.

Sai a correr e deixa-me sozinha com cinco marcas estranhas e uma nova estrutura óssea. Deslizo para dentro do macacão de noiva que o estilista implorou para que eu não chamasse de *babygrow*, e, depois, o meu irmão gémeo vem buscar-me.

— Estás deslumbrante — diz o Owen sem rodeios, desconfiado, e a franzir-me a testa como se eu fosse uma nota falsa de dez dólares.

— Foi um trabalho de equipa.

Faz sinal para eu o seguir.

— Espero que tenhas sido vacinada contra a raiva enquanto te faziam isso.

A cerimónia deve ser um símbolo de paz. Foi por isso que, numa demonstração emocionante de confiança, o meu pai exigiu uma equipa de segurança de vampiros armados para a cerimónia. Os lobisomens recusaram, o que levou a semanas de negociações, depois quase ao término do noivado e, finalmente, à única solução que poderia deixar todos igualmente infelizes: contratar humanos para o evento.

Há ambientes tensos, e depois há *isto*. Um lugar, três espécies, cinco séculos de conflito e zero boa vontade. Os homens de preto que nos levam, a mim e ao Owen, parecem indecisos entre proteger-nos e matar-nos, apenas para acabar com isto de uma vez por todas. Usam óculos de sol dentro de casa e murmuram códigos terrivelmente péssimos para as próprias mangas. *O Morcego está a voar para o salão cerimonial. Repito, temos o Morcego.*

O noivo é, sem criatividade alguma, o *Lobo*.

— Quando é que achas que o teu futuro marido te vai tentar matar? — pergunta o Owen, enquanto olha diretamente em frente. — Amanhã? Na próxima semana?

— Sabe-se lá.

— Durante o próximo mês, de certeza.

— De certeza.

— Pergunto-me se os lobisomens vão enterrar o teu corpo ou... tu sabes. Comê-lo.

— Também me pergunto o mesmo.

— Mas, se quiseses viver mais um bocado, tenta atirar um pau quando ele começar a dilacerar-te. Ouvi dizer que adoram correr atrás de...

Paro abruptamente, o que causa uma pequena agitação entre os agentes.

— Owen — digo, virando-me para o meu irmão.

— Sim, Misery? — Os seus olhos encontram os meus. De repente, a sua máscara indolente e insultante de comediante cai, e ele já não é o herdeiro superficial do meu pai, mas o irmão que se enfiava na minha cama sempre que eu tinha pesadelos, que jurava proteger-me da crueldade dos humanos e da sede de sangue dos lobisomens.

Passaram-se décadas.

— *Sabes o que aconteceu da última vez que os vampiros e os lobisomens tentaram fazer isto* — diz ele, mas agora na Língua.

Claro que sei. O Aster está em todos os manuais escolares, embora com interpretações bastante variadas. O dia em que o nosso sangue roxo e o sangue verde dos lobisomens se misturaram, tão belos e luzidios como a flor que deu nome ao massacre.

— *Quem é que se iria meter num casamento por conveniência política depois daquilo?*

— *Aparentemente, eu.*

— *Tu vais viver entre os lobos. Sozinha.*

— *Certo. É assim que funcionam as trocas de reféns.* — À nossa volta, os homens de fato verificam apressadamente os relógios. — *Temos de ir...*

— *Sozinha para seres massacrada.* — A mandíbula do Owen range. É tão diferente do seu aspeto descuidado habitual que franzo a testa.

— *Desde quando é que te importas?*

— *Porque é que estás a fazer isto?*

— *Porque a aliança com os lobisomens é necessária para a sobrevivência de...*

— *Essas são as palavras do pai. Não foi por essa razão que concordaste em fazer isto.*

Não, mas não o vou admitir.

— *Talvez estejas a subestimar o poder de persuasão do pai.*

A sua voz cai para um sussurro.

— *Não faças isto. É uma sentença de morte. Diz que mudaste de ideias... dá-me seis semanas.*

— *Que é que iria mudar em seis semanas?*

Ele hesita.

— *Um mês. Eu...*

— Há algum problema? — Ambos saltamos perante o tom ríspido do pai. Por um breve segundo, somos crianças outra vez, repreendidas por existir.

Como sempre, o Owen recompõe-se mais depressa.

— Não. — O sorriso vazio está de volta aos seus lábios. — Estava apenas a dar alguns conselhos à Misery.

O pai afasta os seguranças e encaixa a minha mão no seu cotovelo com facilidade, como se não tivesse passado uma década desde a última vez que tivemos algum contacto físico. Obrigo-me a não recuar.

— Estás pronta, Misery?

Inclino a cabeça. Estudo a sua cara séria. Pergunto, sobretudo por curiosidade:

— Isso importa?

Parece que não, porque a pergunta não é respondida. O Owen observa-nos, inexpressivo, enquanto nos afastamos, e depois grita atrás de nós:

— *Espero que tenhas trazido um rolo adesivo. Ouvi dizer que perdem imenso pelo.*

Um dos seguranças para-nos de frente para as portas duplas que nos levam ao pátio.

— Vereador Lark, menina Lark, um minuto. Eles ainda não estão prontos para vos receber.

Esperamos lado a lado durante alguns segundos desconfortáveis, depois o pai vira-se para mim. Com os saltos impostos pelo estilista, chego quase à sua altura, e os olhos dele encontram os meus com facilidade.

— *Devias sorrir* — ordena, na Língua. — *Segundo os humanos, um casamento é o dia mais bonito na vida de uma noiva.*

Os meus lábios contorcem-se. Há algo grotescamente engraçado em tudo isto.

— E o pai da noiva?

Ele suspira.

— *Sempre foste desnecessariamente desafiante.*

Os meus fracassos são evidentes em todas as áreas.

— *Não há volta a dar, Misery* — acrescenta ele, não sem bondade. — *Assim que as vossas mãos estejam enlaçadas, serás a esposa dele.*

— Eu sei. — Não preciso de consolo ou incentivo. Não tenho feito outra coisa que não manter-me fiel ao meu compromisso para com esta união. Não sou propensa a entrar em pânico, a ter medo ou a mudar de ideias no último minuto. — *Já fiz isto antes, lembras-te?* — Ele estuda-me por alguns segundos, até as portas se abrirem para o que resta da minha vida.

É a noite perfeita para uma cerimónia ao ar livre: há cordões de luzinhas, uma brisa suave, estrelas a brilhar. Respiro fundo, prendo a respiração e ouço a marcha de Mendelssohn, na versão quarteto de cordas. De acordo com a entusiasmada organizadora de casamentos que tem bombardeado o meu telemóvel com hiperligações que não abro, a violinista pertence à Filarmónica Humana da Cidade. *No top 3 mundial*, escreveu, seguido de mais pontos de exclamação do que eu alguma vez usei em toda a minha comunicação escrita desde que nasci. Devo admitir que o som é agradável. Mesmo que os convidados olhem em redor confusos, sem saber como proceder até um funcionário sobrecarregado lhes fazer sinal para se levantarem.

A culpa não é deles. As cerimónias de casamento são, desde há um século ou mais, uma coisa exclusivamente humana. A sociedade vampiresca evoluiu para lá da monogamia, e os lobisomens... Não faço ideia do que fazem os lobisomens, visto que nunca estive sequer na presença de um.

Se tivesse estado, não estaria viva.

— Vamos lá. — O pai agarra-me pelo cotovelo, e começamos a caminhar em direção ao altar.

Os convidados do lado da noiva são familiares, mas de forma bastante vaga. Um mar de figuras esguias, olhos lilases sem pestanejar, orelhas pontiagudas. Lábios fechados sobre os caninos e olhares meio piedosos, mas sobretudo repugnados. Vejo vários membros do círculo íntimo do meu pai, conselheiros que não via desde que era criança, famílias poderosas e os seus descendentes, a maioria dos quais bajulava o Owen e era pouco simpática para mim quando éramos pequenos. Nem remotamente poderia considerar amigo alguém aqui presente, mas, em defesa de quem elaborou a lista de convidados, o facto de eu não ter relacionamentos significativos deve ter tornado a distribuição de lugares num desafio.

Depois, há o lado do noivo. Aquele que emana um tipo de calor estranho. Aquele que me quer morta.

O sangue dos lobisomens corre mais rápido, mais alto, e o seu cheiro metálico é-me desconhecido. São mais altos que os vampiros, mais fortes que os vampiros, mais rápidos que os vampiros, e nenhum deles parece particularmente entusiasmado com a ideia de o seu alfa estar a casar-se com um de nós. Torcem os lábios quando me veem, desafiadores, zangados. O ódio deles é tão espesso que consigo senti-lo no céu da boca.

Não posso culpá-los. Não posso culpar ninguém por não querer estar aqui. Nem posso culpar os sussurros, os comentários maldosos ou que metade dos convidados não saiba que o som se propaga mais longe do que a merda.

— ... *ela foi a garantia junto dos humanos durante dez anos, e agora isto?*

— *Aposto que adora a atenção...*

— ... *sanguessuga de orelhas afiadas...*

— *Dou-lhe duas semanas.*

— *Provavelmente duas horas, se aqueles animais...*

— ... *ou conseguimos estabilizar a região de uma vez por todas, ou rebenta uma guerra total, outra vez...*

— ... *achas que vão mesmo fornicar esta noite?*

Não tenho amigos à esquerda e tenho apenas inimigos à direita. Por isso, mantenho-me firme e olho em frente.

Para o meu futuro marido.

Ele está ao fundo do caminho, de costas para mim, a ouvir o que alguém lhe sussurra ao ouvido — talvez o seu padrinho. Não consigo ver-lhe bem o rosto, mas sei o que esperar da imagem que me passaram há semanas: bonito, impressionante, sério. O cabelo é curto, de um castanho rico quase rapado, o fato é preto, bem ajustado aos seus ombros largos. É o único homem na sala que não está a usar uma gravata, e, mesmo assim, consegue parecer elegante.

Talvez o nosso estilista seja o mesmo. Acho que é um ponto de partida tão bom para um casamento como qualquer outro.

— *Tem cuidado com ele* — sussurra o pai, os lábios mal se mexem. — *Ele é muito perigoso. Não o contraries.*

É o que todas as miúdas querem ouvir a dez passos do altar, especialmente quando a linha dura dos ombros do noivo parece já sugerir contrariedade. Impaciência. Irritação. Ele nem se dá ao trabalho de olhar na minha direção, como se eu não significasse nada, como se tivesse coisas melhores para fazer com o seu tempo. Pergunto-me o que estará o padrinho a sussurrar-lhe ao ouvido. Talvez seja uma cópia espelhada dos avisos que recebi.

Misery Lark? Não precisas de ter cuidado. Ela não é particularmente perigosa, por isso, sente-te à vontade para a contrariar. Que é que ela vai fazer? Atirar-te um rolo adesivo?

Solto uma gargalhada suave, e é um erro. Porque o meu futuro marido ouve e olha para mim, finalmente.

O meu estômago afunda-se.

O meu passo vacila.

Os murmúrios silenciam-se.

Na fotografia que me mostraram, os olhos do noivo pareciam ser de um azul comum e não surpreendente. Mas, quando se cruzam com os meus, percebo duas coisas. A primeira é que estava errada e que o seu olhar é, na verdade, de um verde-pálido e esquisito que se aproxima do branco. A segunda é que o meu pai tinha razão: este homem é muito, *muito* perigoso.

Os olhos dele percorrem o meu rosto, e suspeito de imediato de que não deve ter recebido fotografias nenhuma. Ou talvez, simplesmente, não tenha sentido curiosidade acerca da noiva para as consultar. De qualquer forma, não está satisfeito comigo, e isso é óbvio. Infelizmente já tenho prática a desiludir as pessoas, e não vou começar a importar-me com isso agora. Problema dele, se não gosta do que vê.

Endireito os ombros. Uma curta distância separa-nos, e mantenho o olhar cravado no dele enquanto a encurto ainda mais, e é assim que vejo tudo a acontecer em tempo real.

As pupilas aumentam.

A sobrancelha franze-se.

As narinas dilatam-se.

Olha para mim como se eu fosse feita de vermes e inspira profundamente, devagar. Depois, volta a fazê-lo, com aspereza, quando chego ao altar. A expressão dele expande-se momentaneamente e, por instantes, parece indecifrável e abalada. Eu *sabia* que os lobisomens não gostavam de vampiros, mas parece que isto vai muito além disso. Parece desprezo pessoal puro e duro.

Azar o teu, penso, erguendo o queixo. Dou um passo em frente, mais uma vez, até que ficamos frente a frente, um pouco perto demais.

Dois estranhos que acabaram de se conhecer. Prestes a casar.

A música desvanece. Os convidados sentam-se. O meu coração é como um tambor lento, ainda mais lento do que o normal, por causa da maneira como o noivo paira sobre mim. Inclina-se para me estudar como se eu fosse uma pintura abstrata. Vejo o peito dele a elevar-se, faminto, como se estivesse... a *inalar*-me. Depois, afasta-se, humedece os lábios e olha para mim.

Olha e olha e *olha*.

O silêncio prolonga-se. O oficiante aclara a garganta. O pátio enche-se de murmúrios confusos que se transformam, lentamente, num frufru pegajoso e familiar. Percebo que o padrinho soltou as garras. Atrás de mim, Vania, a chefe da guarda do meu pai, mostra os caninos. E os humanos, é claro, pegam nas armas.

No meio de tudo isto, o meu futuro marido continua a olhar.

Assim, aproximo-me um passo e murmuro:

— Não me interessa que isto não te agrade, mas, se quiseres evitar outro Aster...

Levanta rapidamente a mão e fecha-a em redor do meu braço, o calor da sua pele é como um choque para o meu sistema, mesmo através do tecido da manga. As suas pupilas contraem-se de uma forma diferente, *animal*. Instintivamente, tento soltar-me do seu aperto, e... é um erro.

O meu salto prende-se numa pedra da calçada e perco o equilíbrio. O noivo impede a minha queda passando um braço à volta da minha cintura, e uma combinação de gravidade e da sua pura determinação prende-me entre ele e o altar, com o peito dele pressionado contra o meu. Segura-me naquela posição, prende-me e olha para mim como se se tivesse esquecido de onde está e eu fosse alguma coisa consumível.

Como se eu fosse a *presa*.

— Isto é altamente... Oh, *meu Deus* — o oficiante arqueja quando o noivo rosna na sua direção. Atrás de mim, ouço a Língua e inglês: pânico, gritos, caos, o padrinho e o meu pai a rosar um para o outro, pessoas a gritar ameaças, alguém a soluçar. *Outro Aster a caminho*, penso. Tenho mesmo de fazer alguma coisa, *vou* fazer alguma coisa para o impedir, mas...

O cheiro do noivo invade-me as narinas.

Tudo se dissipa.

Um ótimo sangue, sussurra o meu cérebro primitivo, sem nexos algum. *Seria um ótimo sangue*.

Ele inspira várias vezes, rapidamente, enchendo os pulmões, puxando-me para si. A sua mão sobe do meu braço até ao ponto onde o meu pescoço se curva, e pressiona uma das minhas marcas. Um som gutural surge de algum lugar abaixo do seu peito e enfraquece os meus joelhos. Depois, ele abre a boca e sei que vai rasgar-me em pedaços, que vai dilacerar-me, que vai *devorar-me*...

— Tu — diz, com uma voz profunda, quase tão baixa que mal consigo ouvi-lo. — Como é que podes cheirar assim?

Menos de dez minutos depois, desliza um anel pelo meu dedo e juramos amar-nos até ao dia em que morrermos.

CAPÍTULO 1



Quando ele finalmente retorna de uma reunião com o líder do grupo Big Bend, há três dias consecutivos que o tempo tem estado tempestuoso. Dois dos seus subordinados já estão dentro de casa, à espera dele com expressões cautelosas.

— A vampira... ela desistiu.

Ele resmunga enquanto limpa a cara. Inteligente da parte dela, pensa ele.

— Mas encontraram uma substituta — acrescenta Cal, e desliza uma pasta de cartão sobre o balcão. — Está tudo aqui. Eles querem saber se ela tem a tua aprovação.

— Vamos prosseguir conforme o planeado.

Cal solta uma risada. Flor franze a testa.

— Não queres ver a...

— Não. Isso não muda nada.

De qualquer forma, são todos iguais.

SEIS SEMANAS ANTES DA CERIMÓNIA

Ela aparece na empresa onde trabalho numa quinta-feira à tarde, quando o Sol já se pôs e toda a equipa começa a pensar seriamente em ferimentos graves.

Contra mim.

Duvido que mereça esse nível de ódio, mas compreendo. E é por isso que não faço um escândalo quando volto à minha secretária após uma breve reunião com o meu gerente e reparo no estado do meu agrafador. Francamente, está tudo bem. Trabalho em casa noventa por cento do tempo e raramente imprimo alguma coisa. Quem é que quer saber se alguém lá meteu excrementos de pássaro?

— Não leves isto a peito, Missy — diz o Pierce, encostando-se ao separador do nosso cubículo. O seu sorriso é menos *amigo preocupado*

e mais *vendedor bajulador de carros usados*; até o seu sangue cheira a óleo.

— Não levo. — A aprovação dos outros é uma droga poderosa. Para minha sorte, nunca tive a oportunidade de desenvolver esse vício. Se há algo em que sou boa, é em racionalizar o desprezo que os meus colegas sentem por mim. Tenho treinado como um pianista prodígio: desde a infância, e de modo incansável.

— Não vale a pena ficares stressada com a situação.

— Não estou stressada. — Literalmente. Mal tenho as glândulas necessárias para isso.

— E não ligués ao Walker. Ele não disse o que pensas que disse.

Tenho quase a certeza de que ele disse «porca odiosa» e não «torta deliciosa» quando gritou na sala de conferências, mas quem pode garantir?

— Faz parte do trabalho. Não ficarias irritada se alguém fizesse um teste de invasão a uma *firewall* em que estiveste a trabalhar durante semanas e o invadissem numa hora?

Foi talvez num terço desse tempo, mesmo contando com o intervalo que fiz a meio depois de perceber que estava a vencer o sistema rapidamente. Passei-o a comprar um novo cesto de roupa *online*, uma vez que o maldito gato da Serena gosta de dormir no meu antigo sempre que preciso de lavar roupa. Enviei-lhe uma foto do recibo, seguida de: «Tu e o teu gato devem-me dezasseis dólares.» Depois, sentei-me e esperei por uma resposta, como sempre.

Não veio. Nem esperava que viesse.

— As pessoas vão esquecer — continua o Pierce. — E ei, tu nunca trazes almoço, por isso não precisas de recear que alguém cuspa para o teu *Tupperware*. — Desata a rir. Volto-me para o monitor do meu computador, à espera de que ele se vá embora. Estava redondamente enganada. — E, para ser honesto, é um bocado culpa tua. Se tentasses socializar mais... Pessoalmente, percebo a tua *vibe* solitária, misteriosa e silenciosa. Mas alguns acham que és distante, como se achasses que és melhor do que nós. Se fizesses um esforço para...

— Misery.

Quando ouço chamarem o meu nome — o meu *verdadeiro* nome —, por um instante exceccionalmente estúpido, sinto-me aliviada por

a conversa estar prestes a terminar. Depois, viro o pescoço e reparo na mulher do outro lado do separador. A cara dela é-me vagamente familiar, bem como o cabelo preto, mas só quando me concentro no batimento do seu coração é que a consigo identificar. É lento como só o de um vampiro pode ser, e...

Bem.

Merda.

— Vania?

— És difícil de encontrar — diz-me, numa voz melódica e baixa. Por breves segundos, pondero bater com a cabeça no teclado. Depois, opto por responder tranquilamente:

— É intencional.

— Eu percebi.

Massajo a têmpora. Que dia. Que dia de merda.

— E, mesmo assim, aqui estás.

— Mesmo assim, aqui estou.

— Bem, olá. — O sorriso do Pierce fica mais pegajoso quando se vira para olhar fixamente para a Vania. Os olhos dele começam por lhe percorrer os saltos altos, sobem pelas linhas retas do seu fato escuro e param nos seus seios fartos. Eu não consigo ler mentes, mas ele está a pensar tão intensamente em «MILF» que quase o consigo ouvir.

— És amiga da Missy?

— Pode dizer-se que sim. Desde que ela era criança.

— Oh, meu Deus. Conta-me, como era a Missy em bebé?

O canto dos lábios da Vania treme.

— Era... estranha e difícil. Mas frequentemente útil.

— Espera... vocês são da mesma família?

— Não. Sou a mão direita do pai dela, a chefe da sua equipa de segurança — diz ela, a olhar para mim. — E ela foi convocada.

Endireito-me na minha cadeira.

— Para onde?

— O Ninho.

Isto não é raro, é inédito. Excluindo as chamadas esporádicas e reuniões ainda mais esporádicas com o Owen, não falo com outro vampiro há anos. Porque ninguém me tentou contactar.

Devia mandá-la dar uma volta. Já não sou nenhuma criança presa numa tarefa tola: voltar para o meu pai com qualquer expectativa de que ele e o resto do meu povo não sejam completos idiotas é um esforço em vão, e estou bem ciente disso. Mas, aparentemente, esta tentativa maluca está a fazer-me esquecer, porque me ouço a perguntar:

— Porquê?

— Vais ter de ir para descobrir. — O sorriso da Vania não chega aos olhos. Franzo as sobrancelhas, como se a resposta estivesse tatuada na cara dela. Entretanto, o Pierce recorda-nos a sua infeliz existência.

— Senhoras. Mão direita? Convocada? — Ri-se, alto e irritante. Ainda quero beliscar-lhe a testa e fazê-lo sofrer, mas começo a sentir preocupação por aquele idiota. — Estão interessadas em RPG ou...

Por fim, cala-se. Porque, quando a Vania se vira para ele, nenhum jogo de luz conseguiria esconder o tom roxo dos seus olhos. Nem os dentes perfeitamente brancos, longos, a brilhar à luz elétrica.

— V... vocês... — O Pierce olha para nós durante vários segundos, murmurando alguma coisa de forma incoerente.

E é aí que a Vania decide arruinar-me a vida e rosnar-lhe.

Suspiro, beliscando a ponta do nariz.

O Pierce dá meia-volta nos calcanhares e corre para longe do meu cubículo, derrubando um vaso com uma *figus benjamina*.

— Vampiro! *Vampiro!* Há um... Um vampiro está a *atacar-nos*, alguém chame o *secretário*, alguém chame o...

A Vania tira um cartão plastificado com o logótipo do Departamento das Relações Humanos-Vampiros, um que lhe concede imunidade diplomática em território humano. Mas não há ninguém para o ver: o escritório entrou em pânico e a maioria dos meus colegas de trabalho está a gritar, já a meio das escadas de emergência. As pessoas pisam-se umas às outras para chegar à saída mais próxima. Vejo o Walker a sair a correr da casa de banho, com um pedaço de papel higiénico a balançar das calças caqui, e sinto os meus ombros descaírem.

— Eu gostava deste trabalho — digo à Vania, e agarro na polaroide emoldurada de mim e da Serena, enfiando-a resignadamente na minha mala. — Era fácil. Acreditaram na desculpa de uma perturbação do ritmo circadiano e deixavam-me vir à noite.

— Peço desculpa — diz ela. Com falsidade. — Vem comigo.

Devia mandá-la dar uma volta, e vou fazê-lo. Entretanto, permito-me ceder à curiosidade e sigo-a, endireitando a pobre *ficus benjamina* a caminho da rua.



O Ninho continua a ser o maior edifício da cidade e, talvez, o mais distinto: um pódio vermelho-sangue que se estende por centenas de metros no subterrâneo, coroado por um arranha-céus espelhado que ganha vida ao pôr do sol e adormece nas primeiras horas da manhã.

Trouxe aqui a Serena uma vez, quando me pediu para ver como era o centro do território dos vampiros, e ficou boquiaberta, surpreendida pelas linhas elegantes e pelo *design* ultramoderno. Ela estava à espera de candelabros, cortinas pesadas de veludo para bloquear o sol assassino e os cadáveres dos nossos inimigos pendurados no teto, com o sangue drenado das suas veias até à última gota. Obras de arte com morcegos, em honra dos nossos antepassados alados e quirópteros. Caixões, só porque sim.

— É bonito. Mas pensei que fosse mais... pesado? — ponderou ela, nada intimidada com a ideia de ser a única humana num elevador cheio de vampiros. Mesmo tantos anos depois, a lembrança ainda me faz sorrir.

Espaços flexíveis, sistemas automatizados, ferramentas integradas... É isso que o Ninho é. Não apenas a joia da coroa do nosso território, mas também o centro da nossa comunidade. Um lugar para as lojas, escritórios e tarefas, onde qualquer coisa que um de nós possa precisar, desde cuidados de saúde não urgentes até licenças de construção ou cinco litros de sangue tipo AB positivo, pode ser facilmente obtida. E depois, nos andares mais altos, os construtores reservaram espaço para algumas residências privadas, algumas das quais foram compradas pelas famílias mais influentes da nossa sociedade.

Principalmente, a *minha* família.

— Segue-me — diz a Vania, quando as portas se abrem suavemente, e eu sigo-a, com dois seguranças em uniformes do conselho a meu lado, que definitivamente não estão aqui para me *proteger*. É um pouco

ofensivo que esteja a ser tratada como uma intrusa no lugar onde nasci, especialmente quando caminhamos ao longo de uma parede cheia de retratos dos meus antepassados. Mudam ao longo dos séculos, de óleos para acrílicos e para fotografias, cinzentos para *Kodachrome* e para digitais. O que permanece igual são as expressões: distantes, arrogantes e, francamente, infelizes. Não é uma coisa saudável, o poder.

O único Lark que reconheço por experiência pessoal é o que está mais próximo do escritório do meu pai. O meu avô já estava velho e um bocado demente quando eu e o Owen nascemos, e a minha memória mais vívida dele é da vez em que acordei a meio da noite e o encontrei no meu quarto, a apontar para mim com as mãos trémulas e a gritar na Língua algo acerca do meu destino ser uma morte horrível.

Para ser franca, ele não estava errado.

— É aqui — diz a Vania com uma leve batida na porta. — O vereador está à tua espera.

Analiso a cara dela. Os vampiros não são imortais, envelhecemos da mesma forma que todas as outras espécies, mas... caramba. Ela parece que não envelheceu um único dia desde que me acompanhou na cerimónia de troca de garantias. Há dezassete anos.

— Precisas de alguma coisa?

— Não. — Viro-me e alcanço a maçaneta da porta. Hesito. — Ele está doente?

A Vania parece divertida.

— Achas que ele te iria *chamar* por isso?

Encolho os ombros. Não consigo pensar numa única razão pela qual ele havia de querer ver-me.

— Para quê? Lamentar-se? Ou encontrar consolo no teu afeto filial? Vives com humanos há demasiado tempo.

— Estava mais a pensar que pudesse precisar de um rim.

— Somos vampiros, Misery. Agimos pelo bem da maioria ou não agimos de todo.

Ela desaparece antes de eu poder revirar os olhos ou mandá-la dar uma volta, como tinha planeado. Suspiro, olho para os seguranças com caras impassíveis que ela deixou para trás e depois entro no escritório do meu pai.

As primeiras duas coisas em que reparo são as paredes envidraçadas, exatamente como o pai gosta. Todos os humanos com quem falei presumem que os vampiros odeiam a luz e apreciam a escuridão, mas não podiam estar mais errados. O sol pode ser proibido para nós, sempre tóxico e mortal em grandes quantidades, mas é precisamente por isso que o cobizamos com tanta intensidade. As janelas são um luxo, porque precisam de ser tratadas com materiais absurdamente caros que filtram tudo o que nos pode prejudicar. E janelas deste tamanho são o símbolo de estatuto mais bombástico, uma demonstração completa de poder dinástico e riqueza obscena. E para lá delas...

O rio que divide a cidade entre o norte e o sul, entre *nós* e *eles*. Apenas algumas centenas de metros separam o Ninho do território dos lobisomens, mas a margem do rio está cheia de torres de vigia, postos de controlo e postos de guarda, monitorizados intensamente vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Existe uma única ponte, mas o seu acesso é vigiado de perto em ambas as direções e, tanto quanto sei, nenhum veículo a atravessa desde há muito antes de eu nascer. Além disso, existem algumas áreas de segurança dos lobisomens e o verde profundo de uma floresta de carvalhos que se estende em direção a sul por quilómetros.

Sempre achei inteligente da parte deles não construírem assentamentos civis junto a uma das fronteiras mais sangrentas do sudoeste. Quando o Owen e eu éramos pequenos, antes de eu ser mandada para longe, o pai entrou no nosso quarto e perguntou-nos por que razão a sede dos vampiros tinha sido erguida tão perto dos nossos inimigos mais fatais.

— Para lembrar — explicou ele. — E para recordar.

Não sei. Vinte anos depois, ainda me parece perturbador.

— Misery. — O pai termina de clicar no monitor do ecrã tátil e levanta-se da sua luxuosa secretária de mogno, sem sorrir, mas também sem ser frio. — É bom ver-te aqui novamente.

— Com certeza que é qualquer coisa. — Os últimos anos foram generosos com o Henry Lark. Examino o seu corpo alto, a cara triangular e os olhos afastados, e lembro-me de como sou parecida com ele. O seu cabelo loiro está mais grisalho, mas continua perfeitamente

penteadado para trás. Nunca o vi de outra forma, nunca vi o meu pai nada menos do que impecavelmente composto. Esta noite, as mangas da camisa branca podem estar enroladas, mas estão meticulosamente enroladas. Se querem que eu pense que se trata de uma reunião informal, erraram.

E é por isso que, quando ele aponta para a cadeira de couro em frente à sua secretária e diz:

— Senta-te — decido apoiar-me na porta.

— A Vania diz que não estás a morrer. — Estou a tentar ser rude. Infelizmente, acho que pareço apenas curiosa.

— Também confio que estejas de boa saúde. — Sorri ligeiramente. — Os últimos sete anos foram bons para ti?

Há um relógio antigo bonito atrás da sua cabeça. Observo-o a marcar oito segundos antes de dizer:

— Maravilhosos.

— A sério? — Olha-me de cima a baixo. — Mais valia que as tiras-ses, Misery. Alguém te pode confundir com uma humana.

Refere-se às minhas lentes de contacto castanhas. Achei que as tinha tirado no carro, antes de decidir que não valia a pena. O problema é que há muitos outros sinais de que tenho vivido com humanos, a maior parte dos quais não é fácil de reverter. Por exemplo, é pouco provável que ele não repare nos caninos que limo todos os meses.

— Estava a trabalhar.

— Ah, sim. A Vania mencionou que trabalhas. Algo relacionado com computadores, presumo?

— Algo do género.

Ele acena com a cabeça.

— E como está a tua amiguinha? Mais uma vez sã e salva, acredito. Fico tensa.

— Como é que sabes que ela...

— Oh, Misery. Não achas mesmo que a tua comunicação com o Owen passou despercebida, pois não?

Cerro os punhos atrás das costas e considero seriamente fechar a porta atrás de mim e voltar para casa. Mas tem de haver uma razão para me ter chamado aqui, e preciso de a conhecer. Por isso, tiro o

telemóvel do bolso e, uma vez sentada em frente ao meu pai, pouso-o na secretária com o ecrã virado para cima.

Toco no temporizador, defino-o para exatamente dez minutos e viro-o na direção dele. Depois encosto-me na cadeira.

— Porque é que estou aqui?

— Há anos que não via a minha única filha. — Pressiona os lábios.

— Isso não é razão suficiente?

— Restam nove minutos e quarenta e três segundos.

— *Misery. Minha filha.* — A Língua. — *Porque é que estás zangada comigo?*

Levanto uma sobrancelha.

— *Não debes sentir raiva, mas orgulho. A escolha certa é aquela que assegura a felicidade do maior número de pessoas. E tu foste o meio para essa escolha.*

Estudo-o calmamente. Tenho a certeza de que acredita piamente nesta treta. Que pensa que é uma boa pessoa.

— Nove minutos e vinte e dois segundos.

Por breves instantes, ele fica genuinamente triste. Depois diz:

— Vai haver um casamento.

Viro bruscamente a cabeça.

— Um casamento? Como os... como os dos humanos?

— Um matrimónio. Como os vampiros costumavam fazer.

— De quem? Teu? *Tu* vais...? — Nem me dou ao trabalho de terminar a frase, a mera ideia é ridícula por si só. Não foram apenas os *casamentos* que saíram de moda há centenas de anos, mas a ideia de relacionamentos a longo prazo. Acontece que, quando a espécie é má a produzir descendência, encorajar relacionamentos voláteis e a busca por parceiros que sejam compatíveis do ponto de vista reprodutivo assume precedência sobre quaisquer romances. De qualquer forma, não acredito que os vampiros alguma vez tenham sido particularmente românticos. — De quem?

O pai suspira.

— Ainda está por decidir.

Não gosto disto, não gosto nada disto, mas ainda assim não sei bem porquê. Sinto alguma coisa a latejar no meu ouvido, um sussurro de que devia sair já daqui, mas quando estou prestes a levantar-me, o pai pergunta:

— Uma vez que escolheste viver com humanos, deves ter andado a seguir as notícias deles.

— Algumas — minto. Podíamos estar em guerra com a Eurásia ou prestes a clonar unicórnios, e eu não teria a menor ideia. Tenho estado ocupada. À procura. A investigar. — Porquê?

— Os humanos tiveram recentemente uma eleição.

Não fazia ideia, mas aceno.

— Pergunto-me como é que isso é. — Uma estrutura de liderança que não é um conselho inacessível cuja adesão está restrita a um punhado de famílias, passada de geração em geração como um conjunto de porcelana lascada.

— Não é ideal. Visto que o Arthur Davenport não foi reeleito.

— O governador Davenport? — A cidade está dividida entre a alcaetia local de lobisomens e os vampiros, mas o resto da região Sudoeste é quase exclusivamente humana. E, nas últimas décadas, elegeram o Arthur Davenport para os representar, tanto quanto sei, com pouca hesitação. Aquele idiota. — Quem é o novo governador?

— É uma mulher. A Maddie Garcia foi a governadora eleita, e o seu mandato começa daqui a alguns meses.

— E a tua opinião sobre ela é...? — Deve ter uma opinião formada. A colaboração do pai com o governador Davenport é a força por trás da relação amigável entre os nossos dois povos.

Bem. *Amigável* pode ser uma palavra demasiado forte. O humano comum continua a achar que estamos ansiosos por lhe sugar os animais até à última gota e atormentar os seus entes queridos; o vampiro comum continua a achar que os humanos são astutos, mas inúteis, e que o seu principal talento é procriar e encher o Universo com mais humanos. Não é que as nossas espécies se relacionem, além de eventos diplomáticos muito limitados e altamente artificiais. Mas há algum tempo que não nos matamos uns aos outros a sangue-frio, e somos aliados contra os lobisomens. Uma vitória é uma vitória, certo?

— Não formei uma opinião — diz-me ele, impassível. — Nem terei oportunidade de a formar em breve, já que a senhora Garcia recusou todos os meus pedidos para marcar alguma reunião.

— Ah. — A senhora Garcia deve ser mais sábia do que eu.

— No entanto, continuo encarregado de garantir a segurança do meu povo. E, assim que o governador Davenport sair, além da ameaça lobisomem que enfrentamos constantemente na fronteira sul, pode haver outra no norte. Por parte dos humanos.

— Não acredito que ela queira arranjar problemas, pai. — Mexo no verniz das unhas. — Provavelmente, vai apenas manter a aliança atual como está e cortar nas cerimônias desnecessárias...

— A sua equipa informou-nos de que, assim que ela tomar posse, o programa de garantias deixa de existir.

Imobilizo-me. E depois levanto os olhos devagar.

— O quê?

— Foi-nos formalmente solicitado que devolvêssemos a garantia humana. E eles vão enviar-nos a rapariga que atualmente serve como garantia vampira...

— Rapaz — corrijo-o automaticamente. As pontas dos meus dedos ficam adormecidas. — A garantia vampira atual é um rapaz. — Conheci-o uma vez. Tinha cabelo escuro, a cara franzida e disse:

— Não, obrigado — quando perguntei se precisava de ajuda a acaratar com uma pilha de livros. Agora, pode muito bem estar tão alto como eu.

— Seja o que for, a devolução vai acontecer na próxima semana. Os humanos decidiram não esperar pela tomada de posse da Maddie Garcia.

— Não percebo... — Engulo em seco. Recomponho-me. — É o melhor. É uma prática estúpida.

— Que tem garantido a paz entre os vampiros e os humanos há mais de cem anos.

— Parece-me um pouco maldoso — contra-argumento calmamente. — Pedir a uma criança de oito anos que vá viver sozinha para território inimigo e servir como refém.

— Refém é uma palavra tão dura e simplista.

— Vocês mantêm uma criança humana como um dissuasor durante dez anos, com o acordo mútuo de que, se os humanos violarem os termos da nossa aliança, os vampiros matam instantaneamente a criança. Também me parece duro e simplista.

Os olhos do pai estreitam-se.

— Não é unilateral. — A sua voz fica mais dura. — Os humanos mantêm uma criança vampira pelo mesmo motivo...

— Eu sei, pai. — Inclino-me para a frente. — Eu fui a garantia vampira anterior, caso te tenhas esquecido.

Até podia não duvidar disso, mas não. Talvez ele não se recorde da maneira como tentei segurar-lhe a mão enquanto o *sedan* blindado nos levava para norte, ou de como tentei esconder-me atrás das pernas da Vania quando tive o primeiro vislumbre dos olhos estranhamente coloridos dos humanos. Pode não saber como foi crescer com o conhecimento de que, se o cessar-fogo entre nós e os humanos terminasse, os mesmos auxiliares que me ensinaram a andar de bicicleta iriam entrar pelo meu quarto adentro e cravar uma faca no meu coração. Pode não pensar em como enviou a sua filha para o papel de décima primeira garantia, dez anos como prisioneira entre pessoas que odiavam a nossa espécie.

Mas ele lembra-se. Porque a primeira regra das garantias, claro, é que têm de estar intimamente ligadas àqueles no poder. Aqueles que tomam decisões com base na paz e na guerra. E se a Maddie Garcia não quisesse sacrificar um membro da sua família em nome da segurança pública, só a respeito ainda mais. O rapaz que assumiu o meu lugar quando fiz dezoito anos é neto da vereadora Ewing. E, quando servi como garantia dos vampiros, o meu homólogo humano era neto do governador Davenport. Costumava perguntar-me se ele se sentia como eu — às vezes zangado, às vezes resignado. Maioritariamente dispensável. Adorava saber se, agora que já se passaram anos, se dá melhor com a sua família do que eu com a minha.

— Alexandra Boden. Lembras-te dela? — O tom do pai volta a ser conversacional. — Nasceram no mesmo ano.

Sento-me de novo na minha cadeira, não surpreendida pela mudança abrupta de assunto.

— Cabelo ruivo?

Ele acena.

— Há pouco mais de uma semana, o Abel, o irmão mais novo dela, fez quinze anos. Nessa noite, ele e mais três amigos festejavam perto do rio. Encorajados pela juventude e pela estupidez, desafiaram-se uns

aos outros a nadar até ao outro lado, tocar na margem que pertence ao território dos lobisomens, e nadar de volta. Um gesto de coragem, se o quisermos chamar assim.

Não estou interessada no destino do irmão mimado da Alexandra Boden, mas, mesmo assim, o meu corpo fica gelado. Todas as crianças vampiras são elucidadas para os perigos da fronteira sul. Todos aprendemos onde o nosso território termina e o dos lobisomens começa ainda antes de sabermos falar. E todos sabemos que não nos devemos meter com os lobisomens.

Exceto estes quatro idiotas, obviamente.

— Estão mortos — murmuro.

Os lábios do pai curvam-se no que parece muito pouca compaixão e muita irritação.

— É o que mereciam, na minha franca opinião. Claro que, quando os rapazes não foram encontrados, presumiu-se o pior. O Ansel Boden, o pai do rapaz, tem fortes ligações com várias famílias do conselho, e pediu um ato de retaliação. Argumentou que o desaparecimento iria justificá-lo. Foi, obviamente, recordado de que o bem do nosso povo como um todo vem antes do bem de um indivíduo, o princípio básico em que a sociedade vampiresca se baseia. As taxas de natalidade estão no nível mais baixo e enfrentamos a extinção. Não é o momento para alimentarmos conflitos. E, ainda assim, ele continuou a suplicar num espetáculo bastante indigno.

— Repugnante. Como é que ele ousa lamentar o próprio filho?

O pai lança-me um olhar escarninho.

— Devido à sua relação com o conselho, estive perto de conseguir o que queria. Na semana passada, enquanto estavas ocupada a fingir ser humana, estivemos tão próximos de uma guerra entre espécies como já não acontecia há um século. E depois, dois dias após aquele gesto estúpido... — O pai levanta-se. Circula à volta da secretária e encosta-se na borda, numa imagem relaxada. — Os rapazes reapareceram. Inteiros.

Pestanejo, um hábito que ganhei enquanto fingia ser humana.

— Os cadáveres?

— Eles estão vivos. Abalados, claro. Foram interrogados por seguranças lobisomens, inicialmente tratados como espões, e depois como

incômodos traquinas. Mas foram finalmente devolvidos a casa, inteiros e saudáveis.

— Como? — Consigo pensar em meia dúzia de incidentes dos últimos vinte anos em que as fronteiras foram violadas e o que restou dos infratores enviado de volta aos pedaços. Acontece, principalmente, fora dos limites da cidade, nas matas desmilitarizadas. Independentemente disso, os lobisomens têm sido impiedosos para com o nosso povo, e nós temos sido impiedosos para com os lobisomens. O que significa que...

— Que é que mudou?

— Pergunta inteligente. A maior parte do conselho presumiu que o Roscoe estava a amolecer com a velhice. — Roscoe. O alfa da alcateia do sudoeste. Ouço o pai falar dele desde criança. — Mas encontrei-me com o Roscoe uma vez. Apenas uma vez, ele sempre foi claro quanto ao seu desinteresse por diplomacias, e pessoas como ele são como os ossos do crânio. Só endurecem com o tempo. — Vira-se para a janela. — Os lobisomens continuam tão secretistas como sempre em relação à sua sociedade. Mas temos algumas formas de obter informações, e depois de fazer algumas perguntas...

— Houve uma mudança na estrutura de liderança deles.

— Muito bem. — Ele parece satisfeito, como se eu fosse uma estudante que dominou a relação transitiva muito antes do que era esperado. — Talvez te devesse ter escolhido como minha sucessora. O Owen demonstra pouco compromisso com o cargo. Parece mais interessado em socializar.

Faço um gesto com a mão.

— Tenho a certeza de que, quando anunciares que te vais reformar, ele para de sair com os seus amigos herdeiros do conselho e irá tornar-se o vampiro político perfeito, aquele com que sempre sonhaste. — *Ou não.* — Mas os lobisomens. Que tipo de mudança?

— Parece que há alguns meses, alguém... *desafiou* o Roscoe.

— Desafiou?

— A sucessão de poder deles não é particularmente sofisticada. Afinal, os lobisomens são mais próximos dos cães. Basicamente, o Roscoe está morto.

Abstenho-me de apontar que as nossas oligarquias dinásticas e hereditárias são ainda mais primitivas, e que os cães são universalmente amados.

— Já o conheceste? O novo alfa?

— Depois dos rapazes serem devolvidos sãos e salvos, solicitei uma reunião com ele. Para minha surpresa, ele aceitou.

— Ele *aceitou*? — Odeio estar interessada. — E?

— Eu estava curioso. A misericórdia nem sempre é um sinal de fraqueza, mas pode ser. — Os seus olhos ficam distantes, depois deslizam para uma obra de arte na parede leste, uma tela simples pintada de um roxo profundo, em memória do sangue derramado durante o Aster. Este tipo de arte é encontrada na maior parte dos espaços públicos. — E a traição nasce da fraqueza, Misery.

— A sério? — Sempre pensei que traição fosse apenas traição, mas que sei eu?

— Ele não é fraco, o novo alfa. Pelo contrário. Ele é... — O pai retoma o que ia dizer. — Algo diferente. Algo novo.

Os seus olhos fixam-se em mim, à espera, paciente, e eu balanço a cabeça, porque não consigo imaginar qual o motivo de me ter contado tudo aquilo. Onde é que eu podia entrar naquele jogo.

Até que algo se insinua no fundo da minha cabeça.

— Porque é que mencionaste um casamento? — pergunto, sem me preocupar em esconder a desconfiança na minha voz.

O pai acena com a cabeça. Acho que fiz a pergunta certa, especialmente porque ele não me responde.

— Cresceste entre humanos e não tiveste a vantagem de uma educação vampiresca, por isso pode ser que não conheças toda a história do nosso conflito com os lobisomens. Sim, há séculos que temos estado em desacordo, mas foram feitas tentativas de diálogo. Houve cinco casamentos entre nós e os lobisomens, nos quais não foram registados confrontos na fronteira nem mortes de vampiros às mãos de lobisomens. O último foi há duzentos anos, um casamento de quinze anos entre um vampiro e a sua noiva lobisomem. Quando ela morreu, organizou-se outra união, que não correu bem.

— O Aster.

— O Aster, sim. — A sexta cerimônia de casamento terminou em carnificina quando os lobisomens atacaram os vampiros, que, após décadas de paz, se tornaram demasiado confiantes e cometeram o erro de aparecer num casamento praticamente desarmados. Juntando a força superior dos lobisomens e o elemento surpresa, foi um banho de sangue, principalmente nosso. Roxo, com uma pitada de verde. Tal como um áster. — Não sabemos porque é que os lobisomens decidiram atacar-nos, mas desde que o nosso relacionamento terminou irreparavelmente, houve uma constante: tínhamos uma aliança com os humanos, e os lobisomens não. Há dez lobisomens para cada vampiro, e centenas de humanos para ambas as nossas espécies combinadas. Sim, os humanos podem não ter os talentos dos vampiros, ou a velocidade e força dos lobisomens, mas há poder nos números. Tê-los do nosso lado seria... reconfortante.

A mandíbula do pai contrai-se. Depois, após uma longa pausa, ele relaxa.

— De certeza que consegues compreender porque é que a recusa da Maddie Garcia em se encontrar comigo é uma preocupação. Ainda por cima tendo em conta a sua relativa simpatia para com os lobisomens.

Os meus olhos abrem-se. Posso ser um bocado alheia à paisagem cultural dos humanos, mas não achei que relações diplomáticas com os lobisomens estariam na lista de tarefas de estado deles para este ano. Até onde sei, eles sempre se ignoraram, o que não é difícil, já que não partilham fronteiras.

— Os humanos e os lobisomens. Em negociações diplomáticas.

— Isso mesmo.

Mantenho o meu ceticismo.

— O alfa disse-te isso quando o conheceste?

— Não. Obtivemos essa informação separadamente. O alfa disse-me outras coisas.

— Como o quê?

— Ele é jovem. Tem mais ou menos a tua idade e é de uma estirpe diferente. Talvez tão selvagem como o Roscoe, mas mais mente aberta. Ele acredita que a paz na região é possível. Que as alianças entre as três espécies devem ser cultivadas.

Solto uma risada.

— Boa sorte com isso.

A cabeça do pai inclina-se para o lado, e os olhos fixam-se em mim, a avaliar.

— Sabes porque é que te escolhi a *ti* para seres a garantia? E não o teu irmão?

Oh, não. *Esta* conversa não.

— Atiraste uma moeda ao ar?

— Eras uma criança tão peculiar, Misery. Sempre desinteressada pelo que acontecia ao teu redor, trancada num cofre dentro da tua cabeça, difícil de alcançar. Isolada. As outras crianças tentavam ser tuas amigas, e tu, teimosamente, deixava-las penduradas...

— As outras *crianças* sabiam que eu ia ser enviada para junto dos humanos, e começaram a chamar-me *traidora sem caninos* assim que aprenderam a formular frases completas. Ou esqueceste-te de quando eu tinha sete anos, e os filhos e filhas dos *teus* colegas vereadores me roubaram a roupa e me empurraram para o sol mesmo antes do meio-dia? E que essas mesmas pessoas me cuspiram para cima e me chamaram nomes quando regressei depois de servir como *sua* garantia por dez anos, portanto, eu não estou... — Expiro lentamente e lembro-me de que está tudo bem. *Eu* estou bem. Inatingível. Tenho vinte e cinco anos e documentos de identificação humanos falsos, um apartamento, um gato (vai-te lixar, Serena), um... está bem, provavelmente não tenho um emprego neste momento, mas vou encontrar outro em breve, com 100 por cento menos pessoas como o Pierce. Tenho amigos, *uma* amiga. Possivelmente.

Acima de tudo, aprendi a não me importar. Com nada.

— O casamento que mencionaste. É de quem?

O pai aperta os lábios. Passam-se alguns segundos até ele voltar a falar.

— Quando um lobisomem e um vampiro estão diante um do outro, tudo o que veem é...

— O Aster. — Olho para o meu telemóvel impacientemente. — Três minutos e quarenta e sete segundos...

— Eles veem um casamento entre um vampiro e um alfa que deveria ter intermediado a paz, mas que acabou em morte. Os lobisomens são animais e sempre o serão, mas estamos a caminho da extinção,

e devemos ter em conta o bem da maioria. Se permitirmos que os humanos e os lobisomens formem uma aliança que nos exclua, podem eliminar-nos por completo...

— Oh, meu Deus. — De repente, percebo o lugar doido e ridículo para onde isto se está a dirigir, e tapo os olhos. — Estás a brincar, não estás?

— Misery.

— Não. — Solto uma risada. — Tu... *Pai, não nos podemos casar como forma de escapar da guerra.* — Não sei porque é que mudei para a Língua, mas isso surpreende-o. E talvez seja bom, talvez seja disso que ele precisa. Um instante para pensar acerca desta loucura. — Quem iria concordar com isto?

O pai olha para mim tão intensamente que eu sei. Simplesmente, sei. E começo a rir.

Só rio alto com a Serena, o que significa que se deve ter passado mais de um mês desde a última vez que o fiz. O meu cérebro quase soluça, assustado com os sons novos e misteriosos que a minha voz produz.

— Bebeste sangue estragado? Porque estás desequilibrado.

— *Estou é encarregado de garantir o bem da maioria, e o bem da maioria é o avanço do nosso povo.* — Ele parece um bocado ofendido com a minha reação, mas não consigo evitar o riso que me borbulha na garganta. — Seria um trabalho, Misery. Remunerado.

Isto é... Deus, é *engraçado*. E louco.

— Nenhuma quantia de dinheiro legal me iria convencer a... Dez mil milhões de dólares?

— Não.

— Bem, nenhuma quantia de dinheiro legal e *frugal* me iria convencer a casar com um lobisOMEM.

— Financeiramente, ficarias assegurada para o resto da vida. Sabes que os cofres do conselho são fundos. E não existe nenhuma expectativa de um casamento real. Irias estar com ele apenas no nome. Irias para o território dos lobisomens durante um ano, o que passa a mensagem de que os vampiros podem estar seguros com os lobisomens...

— Os vampiros *não* podem. — Levanto-me e começo a afastar-me dele, massajando a têmpora. — Porque é que me estás a *pedir* isto? Não posso ter sido a tua primeira escolha.

— Não foste — diz, com simplicidade. Ele tem muitos defeitos, mas a falta de honestidade nunca foi um deles. — Nem a segunda. O conselho está de acordo que devemos agir, e vários membros ofereceram os seus parentes. Inicialmente, a filha do vereador Essen concordou. Mas mudou de ideias...

— Oh, Deus. — Paro de andar. — Estás a tratar disto como se fosse uma troca de garantias.

— Claro que sim. E os lobisomens também. O alfa vai enviar-nos um lobisomem. Alguém importante para ele. Ela vai ficar connosco enquanto tu estiveres com ele. Para garantirmos a vossa segurança mútua.

Uma loucura. É absolutamente *louco*.

Respiro fundo.

— Bem, eu... — *Acho que todos os envolvidos estão malucos, quem aparecer nesse casamento vai ser massacrado, e não posso acreditar na tua presunção ao me pedires isto.* — ... Sinto-me honrada por teres acabado por pensar em mim, mas não, obrigada.

— Misery.

Avanço até à mesa para agarrar no meu telemóvel. Resta um minuto e treze segundos, e, por um breve momento, fico tão perto do pai que sinto o ritmo do seu sangue nos meus ossos. Lento, constante, dolorosamente familiar.

Os batimentos cardíacos são como impressões digitais, únicos, distintos, a maneira mais fácil de se distinguir pessoas. O do pai foi impresso em mim no dia em que nasci, por ter sido a primeira pessoa a segurar-me, a primeira pessoa a cuidar de mim, a primeira pessoa a conhecer-me.

E depois livrou-se de mim.

— Não — digo. Para ele. Para mim mesma.

— A morte do Roscoe é uma oportunidade.

— A morte do Roscoe foi um assassinato — saliento, calmamente.

— Pela mão do homem com quem tu queres que *eu* case.

— Sabes quantas crianças vampiras nasceram este ano no Sudoeste?

— Não quero saber.

— Menos de trezentas. Se os lobisomens e os humanos se unirem para ficar com as nossas terras, vão exterminar-nos. Completamente. O bem da maioria...

— ... é uma causa para a qual já fiz a minha doação, e ninguém tem mostrado assim tanta gratidão. — Fito-o com intensidade. Guardo o telemóvel no bolso com determinação. — Já fiz o suficiente. Tenho uma vida e vou voltar para ela.

— Tens?

Paro a meio de me virar.

— Desculpa?

— Tens uma vida, Misery? — Olha para mim enquanto o diz, enfático, cuidadoso, como se estivesse a encostar uma arma afiada a apenas uns milímetros do meu pescoço.

Preciso que te importes, Misery. Está bem? Preciso de saber que, se eu partir, vais ter alguém de quem gostes. Alguém que não eu. Uma única coisa.

Empurro aquela memória para longe e engulo em seco.

— Boa sorte a encontrares outra pessoa.

— Sentes-te indesejada pelo teu povo. Isso poderia reabilitar-te aos olhos deles.

Um arrepio de raiva percorre-me a espinha.

— Acho que vou esperar por isso, pai. Pelo menos até que eles se reabilitem aos meus olhos. — Recuo alguns passos e aceno alegremente com a mão. — Vou-me embora.

— Os meus dez minutos ainda não acabaram.

O meu telemóvel escolhe esse exato momento para apitar.

— Mesmo a tempo. — Lanço-lhe um sorriso. Se os meus dentes limados o incomodarem, o problema é dele. — Posso afirmar com toda a segurança que nenhum período de tempo vai mudar o desfecho desta conversa.

— Misery. — Um tom suplicante começa a insinuar-se na sua voz, o que é quase divertido.

Pena. Que pena.

— Até daqui a... sete anos? Ou até quando decidires que a chave para a paz é um esquema de *marketing* multinível entre lobisomens e vampiros e tentares vender-me suplementos dietéticos. Mas manda a Vania ir buscar-me a casa. *Não* estou com pressa para reorganizar o meu currículo. — Viro-me para agarrar na maçaneta da porta.

— Não vai haver outra oportunidade daqui a sete anos, Misery.

Reviro os olhos e abro a porta.

— Adeus, pai.

— O Moreland é o primeiro alfa que...

Bato com a porta *sem* sair primeiro do escritório, e viro-me de novo na direção do pai. O meu coração desacelera para um rastejar enquanto bate fortemente no meu peito.

— Que é que acabaste de dizer?

Ele endireita-se da mesa, confuso e potencialmente esperançoso.

— Nenhum outro lobisomem alfa...

— O nome. Disseste um nome. Quem...?

— Moreland? — repete ele.

— O nome completo dele, qual é o *primeiro* nome?

Os olhos do meu pai estreitam-se, desconfiados, mas depois de alguns segundos, diz:

— Lowe. Lowe Moreland.

Olho para o chão, que parece tremer. Depois para o teto. Respiro fundo algumas vezes, cada vez mais lenta do que a outra, e depois passo uma mão trémula pelo cabelo, mesmo que o meu braço pareça pesar mil quilos.

Pergunto-me se o vestido azul que usei na formatura da faculdade da Serena é muito informal para uma cerimónia de casamento entre espécies. Porque, sim.

Acho que me vou casar.